

**RELIGIÃO, POLÍTICA E IDENTIDADES:
a história recente da Arquidiocese de Mariana em debate**

A Arquidiocese de Mariana foi comandada por Dom Oscar de Oliveira entre 1960 e 1980. Este líder eclesiástico sempre investiu na construção de uma identidade católica distanciada dos problemas políticos e sociais, no entanto as formas de controle institucional não foram suficientes para conter o interesse dos atores sociais na construção de uma religiosidade mais envolvida com problemáticas políticas e religiosas, sobretudo na década de 1980. Neste sentido, o objetivo do nosso trabalho é mostrar que a identidade e a memória propaladas pelo jornal oficial da Instituição são contrastantes com as práticas religiosas dos atores sociais interessados na construção de uma identidade católica de maior engajamento político.

**RELIGION, POLITIC AND IDENTITIES:
The Mariana Arquidiocese's recent History in discuss**

The Mariana's Arquidiocese was heading by Dom Oscar de Oliveira between 1960 and 1980. This ecclesiastic leader always invested in a catholic identity building that take distance of the politics and socials problems, nevertheless, the institutional ways of control were not sufficient to avoid the interest of the social actors in a religiosity more involved with politics and religious problematics, beside all in the eighties of the last century. In this way, the objective of our research is to show that the identity and memory let out by the institutional official newspaper are opposite to the religious practices of the social actors who were interesting in a catholic identity with more politic engaging.

**RELIGIÃO, POLÍTICA E IDENTIDADES:
a história recente da Arquidiocese de Mariana em debate**

Fabício Roberto Costa Oliveira*

Introdução

O objetivo deste artigo é mostrar que apesar da Arquidiocese de Mariana ser considerada uma Instituição conservadora, pelo menos até a década de 1980, uma série de idéias ligadas à Teologia da Libertação¹ se fizeram presentes em seu território através do trabalho do Movimento da Boa Nova (MOBON)². Muito da identidade conservadora da Arquidiocese foi construída por seu próprio jornal, *O Arquidiocesano*, que durante a década de 1980 não noticiava e muito menos incentivava trabalhos de padres e leigos engajados com o MOBON, muito embora este tenha se feito muito presente na Arquidiocese com apoio de padres e leigos.

“*O Arquidiocesano*” ficava sob o comando do arcebispado de Dom Oscar de Oliveira, responsável pela Instituição de 1960 a 1988. Este não via com “bons olhos” a presença de Comunidades Eclesiais de Base³ (CEBs) que em geral estavam vinculadas à Teologia da Libertação. Exemplo disso aparece em evidência no jornal da Arquidiocese, *O Pastoral*, lançado após o fim do arcebispado de Dom Oscar e mais vinculado com idéias da Teologia da Libertação.

Numa seção reservada para que se falasse da memória da Instituição dizia-se que:

“Na memória das Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Mariana, a hierarquia aparece como uma presença contraditória⁴. Quando o ‘trem’ parece ter entrado nas trilhas, ‘forças ocultas’ atropelam todo o processo. Padre Théophilo se destaca como o grande incentivador de uma Igreja popular mesmo antes de se falar em CEBs em nossa Arquidiocese. De acordo com Geraldo Botelho, em 1968 eles já começaram a formar comunidade em Porto Firme. Mas, em pouco tempo, Padre Théophilo saiu. Até hoje não entendeu porquê.

Em Araçuaia, destaca-se a figura do Padre José Miguel. Começando com ‘os cursos de batismo’ ele deu vida nova à Igreja local. Conseguiu, inclusive, mobilizar todo o município. Mas nesse tempo parte da Matriz caiu, com a alegação de que ele

* Doutorando do programa de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

¹ A Teologia da Libertação é um campo coerente de idéias religiosas que emergiram no final da década de 1960 na América Latina. Segundo suas idéias, o papel da Igreja é proporcionar a promoção social e a justiça econômica (SMITH, 1991)

² MOBON é a sigla do Movimento da Boa Nova, uma organização religiosa situada na cidade de Dom Cavati que é circunscrita à Diocese de Caratinga. O MOBON exerceu influência em um grande número de paróquias, no entanto, nossa ênfase neste trabalho são aqueles pertencentes à Arquidiocese de Mariana.

³ As Comunidades Eclesiais de Base podem ser entendidas como um pequeno grupo de pessoas que se reúnem regularmente para a discussão de suas vidas e problemas sociais, tendo como pano de fundo e fonte de inspiração a Bíblia.

⁴ Em todas as citações e trechos deste artigo as palavras em negrito foram assim caracterizadas por nós, para deixar em evidência certas concepções que consideramos mais relevantes.

não tinha dom pra arrecadar dinheiro e reconstruir templo, foi transferido para Sericita. Até hoje não entenderam os reais motivos para a remoção do padre” (O Pastoral, Ano VII, n. 88, pg. 10).

Assim, de acordo com o jornal oficial da Arquidiocese, a elite eclesiástica buscava impedir a proliferação das CEBs, mesmo que para isso fosse preciso a transferência de padres para outras paróquias e cidades, no sentido de desmobilizar os trabalhos desenvolvidos pelos párocos. Havia também grande preocupação do arcebispado para que elas não se politizassem, em 1970 afirmava-se que:

“(...) o objetivo comum visado pela Comunidade é, antes de tudo, o objetivo espiritual eclesial e depois, de acordo com ele e a ele subordinado, os objetivos temporais e materiais do homem e da família humana, qualquer que seja e como quer que se apresente.” (O Arquidiocesano. Ano XI. Nº 553. 19/04/1970. p. 4).

Levando-se em conta estes relatos, percebe-se que na visão da elite eclesiástica, o papel espiritual era o de maior importância, estando todos os outros fatores subordinados à espiritualidade. Em geral, nas CEBs o papel espiritual é bastante relevante, mas o que chama a atenção é o fato do jornal oficial da Arquidiocese enfatizar com enorme frequência o objetivo espiritual em detrimento das questões temporais.

Dessa forma, o que a elite eclesiástica arquidiocesana entendia, era que o papel da Igreja Católica era o de “fornecer” um conforto espiritual e não metas para reflexão das condições sociais, econômicas, etc. Assim, não se pode falar de uma proibição à existência de CEBs, mas sim de uma grande preocupação de que estas não saíssem da esfera eclesial para priorizarem as necessidades e interesses sócio-políticos.

O jornal “O Arquidiocesano”: as idéias e as notícias da década de 1980

Na década de 1980, a preocupação com o não engajamento político permanece consistente na Arquidiocese de Mariana. Em 1986, o Cônego José Vidigal de Carvalho, que tinha influência no arcebispado, interpretava a posição do Vaticano, afirmando que:

“No documento intitulado ‘Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação’ está clara a orientação de Roma. Não compete aos pastores da Igreja intervirem diretamente na organização da política e na organização da vida social. Tal tarefa

faz parte da vocação dos leigos, agindo por sua própria iniciativa, juntamente com seus concidadãos” (O Arquidiocesano ano XXVIII, Mariana, 7 de setembro de 1986, p. 4).

A idéia era de que a Igreja Católica deveria se isentar das discussões sobre o futuro político do país, pois isso não caberia a ela. Entretanto, ela se envolvia no tema da reforma agrária e sobre a atuação da esquerda, afirmando que:

“Aquele preparando paióis de pólvora para desestruturar a sociedade e implantar o comunismo ateu, desumano, ditatorial, está consagrando o status quo cristalizando os privilégios, ratificando a desigualdade social, promovendo os horrípidos bolsões de pobreza” (O Arquidiocesano, ano XXVIII, Mariana, 7 de setembro de 1986, p.4).

Para a Arquidiocese de Mariana, as tentativas do Vaticano na década de 1980, de frear o ativismo político católico não era nenhum empecilho ao trabalho que vinha fazendo. A palavra do Papa João Paulo II de que “não devemos temer ou deixar-nos impressionar demasiado pelos acontecimentos, mas trabalhar, rezar e confiar” (O Arquidiocesano, ano XXVIII, Mariana, 24 de agosto de 1986) foi sempre respeitada pelo arcebispado, até mesmo antes desse pronunciamento.

Sobre as greves dos operários e a injustiça na distribuição de renda, o arcebispo Dom Oscar de Oliveira faz o seguinte relato:

Conheço muitas famílias que, de início carentes, se promoveram magnificamente – marido e mulher – com a constância do trabalho e com a justa economia. Conheço também, filhos que a exemplo de seus pais, amigos do trabalho os vêm imitando com fidelidade e felicidade (O Arquidiocesano, ano XXIX, Mariana, 22 de novembro de 1987).

Assim, na visão do arcebispado, a idéia era a de que os cristãos deveriam trabalhar honestamente, sendo a greve ou manifestação política algo desnecessário, pois com honestidade e trabalho tudo se conseguiria. Outra idéia consolidada na Arquidiocese era a de que a Instituição não deveria se envolver com política, visto que esta não era sua função.

Nesse cenário, fica evidente o quanto são poucas as condições para a emergência e consolidação de idéias progressistas no arcebispado. No entanto, na década de 1980, idéias religiosas vindas do MOBON acabaram sendo disseminadas pela Arquidiocese de Mariana.

Novas perspectivas: O MOBON

Mesmo sem apoio institucional para a consolidação da Teologia da Libertação e das CEBs, algumas paróquias da Arquidiocese desenvolveram uma religiosidade vinculada às mesmas, o que deixa em evidência a idéia de que mesmo sem o apoio da hierarquia eclesiástica outras formas de catolicismo podem suscitar de iniciativas diferentes daquelas ditadas pela administração arquidiocesana. Desta forma, partimos do pressuposto de que estudar a hierarquia da Igreja Católica com sua lógica organizacional, incluindo nisso seus órgãos de imprensa, não é suficiente para entendermos suas complexidades e particularidades.

Neste sentido, Mainwaring (1989) afirma que ao estudarmos uma instituição complexa como a Igreja Católica, não se pode esquecer dos institutos eclesiais, dos agentes pastorais, dos movimentos leigos organizados e dos demais católicos que não tomam parte nos movimentos organizados, mas compõem sua base. “Embora estejam sob o controle formal da hierarquia, esses outros níveis adquirem certa autonomia, influenciam a Igreja e exercem um efeito independente na política” (MAINWARING, 1989, p.28). Apesar de sua estrutura verticalizada e dos plenos poderes dos bispos e arcebispos abaixo do Papa, peculiaridades locais podem emergir e desenvolver características diferentes da linha mestra proposta pela hierarquia eclesiástica.

Nesta perspectiva vale ressaltar as orientações do MOBON que caminhavam no sentido oposto ao daquele colocado pelo arcebispado de Mariana. Assim, as idéias do Movimento sempre se colocavam no sentido de que os fiéis participantes de seus cursos buscassem soluções para os problemas sociais que faziam parte de suas vidas e para isso incentivava que os participantes se utilizassem dos meios possíveis para resolverem suas demandas em todos os espaços cabíveis.

Para sensibilizar as pessoas sobre as questões político-sociais, utiliza-se, inclusive, o texto de Bertold Brecht⁵ sobre o analfabeto político, para convencer o cristão de seu papel na sociedade. Além disso, o livro fala das funções dos prefeitos, dos vereadores, dos deputados e dos presidentes e tenta mostrar como a população pode fiscalizar o trabalho destes políticos e apresenta o exemplo de Jesus, afirmando que este foi criado em meio a um povo explorado e

⁵ “O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, não participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe de sua ignorância política, nasce o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e o explorador das empresas nacionais e multinacionais” (Religião na política, p. 7).

que não ficou indiferente à situação e que era contrário aos projetos dos chefes políticos e poderosos.

“Jesus mexeu na política porque essa é a maneira mais eficiente de combater a opressão. Então, não há como ser neutro ou ser contra a política. Isso seria ser omissivo, covarde e estar de acordo com a situação. O cristão pode não ter como ser candidato a um cargo político. O que ele não pode é ficar de fora da política. Há outras formas de participar no exercício da cidadania: Sindicatos, movimentos populares e trabalhos nas pastorais” (Religião na Política, p. 23).

A semelhança com a Teologia da Libertação fica mais nítida quando se afirma que

“A Bíblia é para ser lida diante da realidade (Paulo VI). Ao lermos a Bíblia devemos estar atentos à realidade do tempo em que ela foi escrita e atentos à realidade do povo de hoje. Assim nós descobrimos melhor a ação de Deus ontem e hoje no meio do seu povo” (Curso de Natal, p. 24).

Assim, o que fica em evidência é o fato de que a relação entre fé e vida, é continuamente colocada nos materiais escritos, bem como nas entrevistas com pessoas assíduas ao Movimento. A relação entre fé e vida que continuamente aparece como necessária ao católico, é repetida nos mais diversos cursos, como por exemplo: da campanha da fraternidade, de casais, de homens e rapazes, etc.

O MOBON na Arquidiocese de Mariana

Segundo os missionários do MOBON, este teria exercido influência na criação de grupos de reflexão na Diocese de Caratinga e em muitos outros lugares, porque as pessoas participavam dos cursos na sede do Movimento e os repassavam para as suas comunidades de origem. Até porque muitos tinham suas despesas pagas pela paróquia na condição de que, quando voltassem, repassassem as informações importantes para aqueles que tivessem interesse. Foi com este trânsito de pessoas e de idéias, que ocorria com párocos e leigos que o MOBON acabou chegando ao território de jurisdição eclesiástica da Arquidiocese de Mariana.

A atuação na Arquidiocese se deu antes da década de 1980, mas é difícil precisar as visitas e o trabalho dos integrantes do movimento antes deste período, pois nem eles mesmos sabem precisar quando faziam visitas na região e os lugares que visitavam. Entretanto, de

1979 em diante dá para se ter uma noção melhor da influência do MOBON, tendo em vista que no referido ano, o Movimento inaugurou uma casa de cursos em Dom Cavati-MG, na região leste de Minas Gerais, que recebia visita freqüente de pessoas da Arquidiocese de Mariana.

De 1979 a 1987 viajaram mais ou menos oitocentas pessoas⁶ à casa de cursos em Dom Cavati. As datas se referem ao período em que foi inaugurada a casa de curso (quando se iniciou o registro de presença de pessoas na casa do MOBON) e ao último ano do arcebispado de Dom Oscar de Oliveira que tinha restrições às idéias políticas do Movimento da Boa Nova. Assim, o que faremos antes de partir para as considerações finais é deixar evidente que apesar das restrições do arcebispado as concepções políticas do MOBON chegaram ao alcance de boa parcela dos católicos da tradicional Arquidiocese marianense.

Uma pessoa da Arquidiocese que exerceu influência para trazer as idéias do MOBON para a Arquidiocese, cujo nome foi encontrado entre os principais participantes dos cursos é o do Carlindo⁷. Conseguimos localizá-lo na cidade de Viçosa e realizarmos algumas entrevistas como ele, que afirmou ter conhecido o trabalho do MOBON ao viajar para as cidades de Caratinga-MG e Inhapim-MG, onde tem parentes católicos.

Segundo Carlindo, muitos leigos aderiam ao trabalho do MOBON e alguns padres acabaram se convencendo de que o trabalho era benéfico para a paróquia. Sobre a religiosidade pensada pelo MOBON, Carlindo afirma que:

“O cristão do MOBON, que o MOBON idealizou foi o cristão que sempre sabe dizer porque, quando, que horas, é ele que diz, não é porque ele leu, ou porque alguém passou pra ele essas ordens, escritas. Mas ele é que vai saber que horas, quando, porque, porque ele vai fazer a mudança de vida dele, porque que ele agora é uma coisa e antes ele era outras, quer dizer, é ele que sabe, não é ninguém que diz pra ele. Então, a formação teológica que nós recebemos do MOBON foi uma formação crítica, uma formação aberta, que você tem toda uma orientação, que você tem todo o subsídio, mas quem diz a hora, como e quando é você. Você que é (...). E você realmente tem que por sua cabeça pra pensar. O MOBON às vezes, as pessoas às vezes quando iniciam numa comunidade, duzentas, trezentas pessoas e tal, quando a gente vai trabalhando com a metodologia do MOBON, daí a pouco você tem lá, trinta, quarenta pessoas e ficam aquelas pessoas que realmente topam pensar porque se não pensar não servem pro MOBON, não tem como, o trabalho de reflexão do MOBON, que é o MOBON, o anúncio da Boa Nova, que visa formar as pessoas pra pensar. Inclusive formar pessoas que realmente pra ser cabeça, pra

⁶ Em pesquisa na casa de cursos do MOBON tivemos acesso ao material denominado caderno de visitas em que contém o nome de todos os participantes dos cursos, bem como a localidade de origem. Assim, conseguimos saber quais localidades pertenciam à Arquidiocese de Mariana e copiamos os nomes das pessoas para que pudéssemos entrevistá-las em outro momento e também verificar os mais assíduos e aqueles que compareceram apenas uma vez à casa de cursos.

⁷ Entre 1979 e 1987 o nome do Carlindo Rosa Loures foi o mais freqüente como visitante do MOBON. Neste período Carlindo visitou a casa de curso do MOBON 18 vezes.

saber como, e não ser aquelas pessoas que tem que ser mandadas, aquelas pessoas que vão puxar o carro, e não aquelas pessoas que vão simplesmente, vamos dizer assim, que vai pro litúrgico”.

O MOBON fazia seu trabalho na Arquidiocese com o apoio daqueles que acreditavam na viabilidade de constituição de um grupo de cristãos críticos diante da realidade em que se encontravam. Queriam formar cristãos que soubessem argumentar e discutir. Em função deste trabalho surgiram diversos sindicatos e organizações políticas.

Considerações Finais

Este texto deixa em evidência o fato de que a identidade construída pela imprensa arquidiocesana se difere bastante daquele vivida pelos paroquianos espalhados pelas dezenas de cidades circunscritas ao território da Arquidiocese de Mariana. Assim, podemos destacar que é preciso muita cautela nos estudos embasados apenas nos relatos propagados pela imprensa da Instituição, neste sentido podemos destacar que se estudássemos as identidades religiosas na história recente da Arquidiocese não encontraríamos nenhuma referência ao trabalho do MOBON e poderíamos ser levados a pensar que os fiéis apenas reproduziam as idéias e as concepções religiosas desejadas pelo arcebispado.

O que vimos foi o contrário, atores sociais em meio a conflitos e negociações construindo suas próprias identidades políticas e religiosas (o que também é verdade em relação às idéias do MOBON, uma vez que não acreditamos que os fiéis não ressignifiquem suas mensagens de diversas maneiras ou que não busquem outras fontes de idéias). Este texto deixa isso plausível ao ressaltar o fato das idéias político-religiosas do MOBON terem chegado à Arquidiocese de Mariana, num momento em que Dom Oscar de Oliveira era arcebispo e prezava muito pelo papel espiritual em detrimento do político. Neste sentido, é preciso muito cuidado com afirmações do tipo: “esta ou aquele Diocese/Arquidiocese é conservadora ou progressista”, pois as identidades religiosas e políticas não se constroem apenas pela atuação das lideranças religiosas e suas idéias propagadas pela imprensa sobre seus comandos, mas também e principalmente pelos atores sociais que compartilham experiências religiosas e políticas na vida cotidiana.

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis (2001). *Como fazer Teologia da Libertação*. 8ª Edição. Petrópolis. Editora Vozes.
- GAIGER, Luiz Inácio Germany (1987). *Agentes Religiosos e Camponeses Sem Terra no Sul do Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (1996). *Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo, Brasil e Peru, 1964-1986*. São Paulo (SP). Editora Hucitec.
- KRISCHKE, Paulo e Scott, MAINWARING (1986). *Igreja nas Bases em tempo de transição (1974-85)*. Porto Alegre. L & PM.
- LESBAUPIN, Ivo (1999). *Comunidades de base e mudança social*. UFRJ.
- LÖWY, Michael (1995). *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo. Cortez, autores associados.
- MACHADO, Maria D. C. e MARIZ, Cecília (1997). *Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: Anpocs 34 pp. 71-87.
- MAINWARING, Scott (1989). *A Igreja e a Política no Brasil (1916-1985)*. Tradução: Heloísa Braz de Oliveira Prieto. Editora brasiliense.
- MARIZ, Cecília Loreto (2001). *Católicos da Libertação, Católicos Renovados e Neopentecostais*. Cadernos CERIS nº 2, outubro.
- MONTEIRO, Paula (1999). *Religiões e dilemas da Sociedade Brasileira*. In: MICELI, Sérgio. O que ler nas Ciências Sociais Brasileiras (1970 – 1998). Antropologia 1. São Paulo: Sumaré/Brasília: ANPOCS.
- NOVAES, Regina (2002). *Crenças religiosas e convicções políticas: crenças e passagens*, In: Política e Cultura, século XXI. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro.
- PETRINI, João Carlos (1984). *CEB's: um novo sujeito popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ROTHMAN, Franklin Daniel (1993). *Political process and peasant opposition to large hydroelectric dams: The case of rio Uruguai Movement in Southern Brazil, 1979 to 1992*. Tese (Doutorado em Sociologia). University of Wisconsin – Madison.
- SCHERER-WARREN, Ilse (1996). *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo. Edições Loyola.
- SMITH, Christian (1991). *The emergence of Liberation Theology: Radical religion and Social Movement Theory*. Chicago and London. The University of Chicago Press.